



Ann Loring apresenta um novo modêla de trajo de banho

Foi reformada a barbearia

A barbearia e cabeleireiro de senhoras dos estúdios da Metro acabam de ser reformados inteiramente. O velho mobiliário, que datava de 1915, foi substituído por uma nova instalação up to date.

Dezenas de celebridades e centenas de vedetas que não ascenderam aos altos postos passaram por ali. Jin Adamson, o barbeiro chefe ali arranjou a cabeça de Greta Garbo, quando ela veio da Suécia; cortou o bigode de Clark Gable, quando éle pela primeira vez apareceu num papel de relêvo; e deu ao cabelo da Weissmuller aquele ar semi-selvático...

Quando essas velhas cadeiras eram novinhas, no número dos fregueses da barbearia viam-se Hersholt, William S. Hart, Leo Carrilo e Will Rogers, que foram os primeiros actores da companhia, então conhecida como os estúdios da Triangle. Adamson abriu o salão no dia em que os estúdios começaram a funcionar. William Desmond, Hobart Bosworth, Charles Swickard, Frank Currier e Herschall Mayall contavam-se entre as celebridades daquele tempo. Mais tarde, apareceram Tom Moore, Jack Pickford, Sydney Ainsworth, Edward J. Connolly, Tully Marshall, Louis Bennison, John Sainpolis, alguns dos quais ainda eram vistos, recentemente, na barbearia dos estúdios.

As novas cadeiras servirão melhor, mas, as velhas aparecerão, de quando em quando, nos cenários, e algum veleraño, provávelmente, dirá a qualquer astro futuro, que John Gilbert, Lon Chaney e outras vedetas famosas do passado sentaram-se, nelas, muitas vezes!...

A popularidade de Charlot

Recentemente, em Itália, fêz-se um inquérito para saber a resposta à seguinte pregunta: ses entre cinco personagens célebres déste mundo, quatro livessem que morrer, qual deveria sobreviver?».

Por uma maioria esmagadora, Charlot foi designado como o favorito. Oue cara teria feito Mussolini, ao

Que cara teria feito Mussolini, ao conhecer o resultado dêste estranho inquérito?

DICKENS, NA LITERA-TURA E NA TELA

ODO o habitante do Reino Unido que á hora do pequeno almôço desdobrasse o «Times» de 26 de Março de 1836 — fêz agora precisamente um século — depararia com um discreto anúncio dos editores Chapman & Hall no qual se lançava pela primeira vez, para a publicidade, uma das mais famosas obras de Carlos Dickens: «As aventuras de Mr. Pickwick».

A 31 do mesmo mês e ano, surge, nos escaparates dos livreiros, o primeiro fasciculo. Esta data encerra um mundo de esperanças para o autor e marca o inicio duma obra literária em que o riso e as lágrimas se confundem, tratados por um espírito cintilante e por vezes genial.

Londres, pardacenta e húmida como sempre, vivia em 1836 a época dos combates de galos, freqüentados por jóvens aristocratas cujas sobrecasacas amarelas, verdes, violetas e encarnadas, punham tons caprichosos na policromia ambiente.

Por sua vez, o «box» esboçava os primeiros passos como desporto de massas. Na política, imperava Peel, então chefe do partido conservador, que cinco anos mais tarde viria a ser primeiro ministro. A futura rainha Vitória contava apenas 17 anos e estava a um ano do trono.

Época curiosa, propicia pela quietude à fermentação literária de Dickens, cujo sentido do real substituíria em breve, no gôsto dos leitores a obra, apaixonada do romântico Carlyle.

Porém, nos primeiros fasciculos das «Aventuras de Mr. Pickwick» Dickens não é feliz. Antes pelo contrário. Os compradores são raros e Seymour que ilustrara a obra suicida-se num momento de desespéro.

Todavia, Dickens persiste encorajado pelos editores. Pouco a pouco, a indiferença do público evolui e transforma-se em carinho. É a glória e, com a glória, as honras e o dinheiro. Tudo lhe sorri.

Advogado, não lhe interessa a profissão. É ao jornalismo que dedica grandeparte da sua actividade. São já notáveis as suas crónicas parlamentares no «Morning Herald». Londres contemplase, contemplando». Em 1849, Dickens publica «David Copperlield», a sua obra prima. Na verdade dos que apreciam aquele escritor poucos serão os que, ao folhear «David Copperfield», não se sintam tocados pela ternura da lia Betsey, peta maidade de Murdstone, ou pela pureza de Dora. Tanto como pelo aborrecimento que decerto lhes inspirará Uriah Heep.

Ora o cinema tinha uma divida de gratidão a cumprir para quem, durante um século, tem sido o eniĉevo de pequenos e grandes. E a sétima arte que interpretou ja a obra dos maiores esertores mundiais, que nos deu Tolstoi, zola, vitor Hugo, Dostoiewski e lantos outros, preencheu essa divida.

Recouhecimento? Não, justiça. Di-

Recouhecimento? Não, justica. Dickens, como escritor, é grande. Bastaria a História de Jesus que redigiu para os seus netos, tanto tempo ignorada e so há pouco publicada, para o definir como tal.

Coube a George Cukor a realização cincimatográfica de «David Copperficid». Para isso rodeou-se de arustas como W. C. Fields, Lionel Barrymore, Maureen O'Sullivan, Freddie Bartholomew, Frank Lawton, cujo desempenho emprestou à obra de Dickens um brithantismo digno de registo.

Também nos estúdios de Twickenham em nos estúdios de Twickenham em librar em consentante. Or con-

Também nos estudios de Twickenham se filmava recentemente «Os contos de Natal» que devem vir a público sob o titulo de «Scrooge». «The tale of two cities», realização de Jack Conway, com Ronald Cotman e Elisabeth Allen, fecha êste circulo notável.

Como se vê, a contribuição de Dickens para o cinema é importante. Mais, é valiosissima. Põe-nos em contacto com um mundo que, a-pesar-da distância a que se encontra de nós no espaço e no tempo, podemos reinvidicar sem hesitação.

As alegrias e as dôres, os conflitos humanos que se desenvolvem através da obra de Dickens, repetem-se ainda hoje porque representam e traduzem a realidade da vida.

E a vida, embora amarga, embelezase quando penetrada por aqueles que sentem essa amargura e no-lo dão em obras-primas cuja imortalidade constitui a sua melhor recompensa.

OPERADOR N.º 13

Se Sherlock Holmes fôsse a Hollywood...

«Se Sherlock Molmes empunhasse uma vassonra e trabalhasse durante a uoite na timpeza dos canarins das vedetas da teta, as suas deduções deveriam ser assombrosas!», assim dectara Bert Territt, chefe dos empregados da timpeza dos estúdios da Metro.

A personalidade e carácler de cada estrela, diz, revelam-se nas coisas mais simples que os empregados encontram quando fazem a limpeza.

Roberl Montyomery & extremamente cuidadoso com os fatos e os sapatos. A sua roupa fica dobrada e pendurada com o maior esmero, e os sapatos dinhados, no seu lugar. William Powell & lambém muito cuidadoso com as suas coisas. Mas Ted Healy e Spencer Tracy são diferentes; deixam tudo cspathado pelos cuntos, em pleno reino da desordem!

Nelson Eddy costuma fazer desenhos, especialmente quando fala ao telefone. Muitos désses desenhos ficam esquecidos, depois das horas de trabatho...

Wallace Beery deixa a roupa amonloada numa mesa, misturada com pecus de aporelhos de rádio, acessórios de automóveis, compassos e outras coisas semelhantes.

«Lionel Barrymore», diz Terrill, «ulira fóra os maços de cigarros anles de os acubar. Os empregados encontram sempre vários déstes maços no césto dos papeis, e alguns até com dez e mais cigarros. Barrymore acende um cigarro, puza algunas fumagas e delia-ofóra, quando está eutregue aos seus pensamentos ou quando estado os seus papéis. Sube-se disto, porque os empregados encontram, nos cinzeiros, cigarros que quási não chegaram a ser fumados.

Freddie Bartholomew estuda as suas lições no camarim, e deixa pupéis rabiscados com problemas de arilmética por acabar.

Ruy Bolger anda, de um lado para outro, a fumar, quando cria os novos passos de dauça. «Sabemos isto», diz Terrii, «por causa da linha que risca no chão, com a cinza do cigarro que deixa cair, enquanto dança. Ninguém, a não ser uma pessoa que esteja a dançar, pode deixar la indicio».

Nenhum canarim dos estúdios é vedado aos encarregados da limpeza, excepto o dos irmãos Marx.

Não deixam entrar nos seus camarins nenhum empregado, désde o dia em que um, julgando que os seus novos «gags», escritos em pedaços de papel, eram lixo, os atirou pela janela fota.



Três belezos do R. K. O.-Rádio: Mary Jane Irving, Alice Stombs e Caral Carmen



Ann Shirley regresso duma viagem pela América do Norte

O «Hamlet» na tela

Alexandre Korda anunciou oficialmente que vai ser dada, dentro em breve, a primeira volta de maniveta do Hamtel, a cetebre peça de Shakespeare.

Huntel, a ceiebre peça de Shakespeare.

U papel do prolagonista estara a cargo de Robert Donat. U de «Ofélia» sera desempenhado por Viviau Leigh, a úttima descoberta do cinema ingres. E Charies Laughton encaruará a figura de Potonio.

GRETA GARBO NA «DAMA DAS CAMÉLIAS»

A Impreusa afirma, sob reservas, que Greta Garbo safu da Suécia, com rumo à América, a bordo do paquete Drottningholms, para iniciar imediatamente o seu papel na Dama das Camètias, o seu novo filme.

Ao entante, parece ser destituida de

No entamo, parece ser destituida de fundamento a noticia e afirma-se que antes de Outubro Greta não abandonará a sua pátria.

Um prémio Nobel no Cinema

Vai ser adaptada à tela a novela de Siuciair Lewis, Dodsworth. Walter Hustou e Ruth Chatterton serão os principais papéis.

UMA VERSÃO AMERICANA DE «O CLUBE DOS SUICIDAS»

Lembram-se do filme alemão *O Clube dos Sucida*s, que Paul Wegener interpretava?

Pois vai ser adaptado à tela, pela Metro Goidwyn Mayer. A nova versao serà também um carranjo, dos tres contos de Robert Louis Steveson: O Gato Preto, o Gabinete das Figuras de Gera e O Clube dos Suicidas, muito embora o filme adopte apenas o nome deste áttimo.

Os principais papéis correrão a cargo de Robert Montgomery, Rosalind Russell, Frank Morgan e Reginald Owen.

SERGIO EISENSTEIN NOVAMENTE NA RUSSIA

O célebre realizador russo Sergio Michaelowitch Eisenstein, que se havia meompatibilizado com o governo dos sovietes, desde a sua malograda viagem à América, acaba de fazer as pazes com Statine e os seus adeptos e dispoe-se a

a America, acada de lacer las paces com Statiné e os seus adeptos e dispõe-se a fitmar nos estudios de Leninegrado. O novo filme do cineasta da *Linha Geral*, intitula-se *O prado de Bejin*, e nele actuarão, pela primeira vez, actores profissionais.

Cinema, arte da actualidade

À época que passa é a época do movimento. As coisas paradas são atiradas para longe, para fundo, para cenario. A vida actual apenas foca os primeiros planos, os planos do movimento. Daí porque os fundos estáticos da cena se perdem num «flou»; não há quem nêles repare.

As nossas relinas já não se prendem com gongorismos, os nossos ouvidos só escutam o essencial, os nossos sentidos perderam o hábito de persistir nas insignificancias. O momento exige dinamismo. É necessário aproveitar as nossos vidas breves. Como diz o Dr. Ramada Curto: ellá pressa. Não se pode perder tempo em conversas. A curiosidade dos espíritos está exclusivamente voltada para as exigências da acçãos.

Dizer que uma arte tem a sua época equivale a entrar num circo romano, disfarçado de cordeiro, e desafiar as feras. É uma ingenuïdade? Não! É uma temeridade! Não faltará quem nos iusulte.

Todavia, é verdadeira a nossa afirmação. As artes vivem da preferência do público e não das quatidades que as impõem. Algumas, muitas ate, passam de moda; outras manteem-se mercê de novos aspectos. Nuna época como a nossa, em que tudo são exigências de movimento, as artes paradas — ou não saiem dos museus ou vivem das recordações de alguns devotados admiradores, que não têm pernas para acompanhar o andar precipitado do progresso.

Por outro lado, o artista também auxilia éste movimento de renovação. Um artista é, cm geral, um espirito culto e desempoeirado; tem necessidade de acompanhar os outros e vive essa necessidade. As artes são redutiveis a escudos, a moeda, e constituem, por isso, um comércio. U artista produz para vender. Os tempos vão difíceis e já não há quem faça arte por gosto, mas sim para ganhar dinheiro.

O próprio caso da música é sintomático. Os ritmos modernos, talvez mais harmónicos com esta era de velocidades, conseguiram actualizá-la. E se a música não pereceu na mesma agonia das artes restantes, foi porque, a par dêsses novos ritmos, encontrou o extraordinário auxilio da T. S. F.

Hoje tôdas as artes são, mais ou menos, escravas do cinema. Servem-no respeitosamente e trazem-no nas palminhas das mãos. Por êsse motivo, ocupam, em geral, um lugar muito secundário, como tapa-buracos. Encontramo-las, quaisi sempre, modestas e envergonhadas, no fundo das cenas. O cinema, pelo contrário, ocupa os primeiros planos. Quando o cineasta se descuida e, por isso, a cena perde em

Betty Furness ou uma bel e z o típica dos estúdios americanos... interèsse cinematográfico, há um processo de remediar a falta: um trecho de música, uma païsagem, um pormenor, todos éles produtos de outras arles, são remédios comuns, tapa-buracos da falla de talento do realizador.

Assim se explica, e muito bem, cabalmente, que o verdadeiro cinema, a pura arte do movimento, não carece de auxilios. Chaplin, o máximo, quando é sublime, nem pensa no cenário; qualquer coisa lhe serve, porque tem a certeza de que o público sòmenle se prende pela acção. O «falado» não é uma categoria de

Ó «falado» não é uma categoria de cinema, como por aí se diz. Quer mudo quer sonóro, o cinema é sempre o mesmo. Com uma diferença: cinema verdadeiro, aquele que não carece do auxilio das outras artes, apenas os grandes ar

tistas o fazem, pela mesma razão porque um bom quadro só o pinta um bom pintor. Di-lo ainda o Dr. Ramada Curto quando afirma: «Mesmo sonóro o cinema não concedeu à palavra mais do que a simples notação da expressão e movimento das figuras. É uma arte de imagem em que a palavra é um mero auxiliar». «Daqui resulta—diz mais adiante,

«Daqui resulta — diz mais adiante, o Dr. Ramada Curto — que as exigências da sensibilidade estética se satisfaxem integralmente com as imagens do cinema». Ao que nós acrescentaremos: o cinema é a arte do dia. Predomina sóbre tódas as outras, mercê da preferência do público. Auguramos-lhe uma longa vida.

RAUL EONSECA



AO tão poucas as pessoas que elo-gio, são tão raras as que louvo pelo seu talento, que me chego a admirar de o fazer quando de

longe a longe o faço.

Aconteceu precisamente isto, agora que penso elogiar certos aspectos da personalidade artística de Paulina Singerman. Esperava ansiosamente a es-treia da companhia que esta artista dirige. Tive a primeira desilusão ao ler o anúncio que indicava os titulos das Peças e os seus autores e a segunda ao constatar que o conjunto não é tão bom como era necessário. Se Paulina Sin-german não iludiu a minha espectativa. Possui realmente uma categoria excepcional. Ela é, como actriz, um caso no-tável de sinceridade, de naturalidade e de poder interpretativo duma forma geral. É pessoalissima em certos pormenores, em certas atitudes ainda não menores, em certas attudes ainda nao exploradas em cena. Consegue — e é dificilimo consegui-lo em peças fúteis como as que tem levado — convencerinos que a personagem que encarna é uma realidade, graças à maneira como mostra sentir essa mesma personagem. Parece sentir todas as frases e reage rarece sentr totas as trases e reage em perfeita harmonia com todos os seus inúmeros gestos e atitudes duma origi-nalidade digna de atenção. Mas esses gestos e atitudes, embora *inúmeros* e embora cheios de originalidade, não chocam pela estravagância nem são de masiados. Estão perfeitamente identifi-cados com a personagem que encarna. Ora tudo isto só o consegue uma artista--actriz extraordinária. Caso não o fôsse caso não passasse duma representadora como tantas que infestam as nos-sas cenas — tudo seria dum pretenciosismo que roçava pelo ridículo. É pena que as peças não a ajudem. As representadas até aqui não passam daquele teatro sem consequências que nos faz sor-rir e passar duas horas despreocupadas. burguêsmente instalados numa conforlável poltrona... mas mais nada. E isto

é muito pouco; e isto não é teatro. As notáveis interpretações de Paulina Singerman são prejudicadas pelas peçazinhas fúteis a que pertencem. O am-biente desvaloriza-as. Necessita, portanto, de melhorar o seu reportório, in-troduzir-lhe peças de vator e não altas comédias com um enrêdo complicadamente retorcido, de que nos esquecemos no dia seguinte em virtude da futilidade da obra. Uma peça de teatro ne-cessita duma razão de ser essencial que nos obrigue a reagir na sua defesa ou

no seu ataque.

Obras com esta característica basilar, cujo principal papel feminino se adapte à personalidade artistica de Paulina Singerman, são abundantes.

Este reparo é motivado pela catego-ria da artista argentina ser tal que lamentamos que o seu talento esteja a perder-se em obras mediocres e não valorize tantos e tantos trabalhos curiosos que possui o teatro.

Alaumas notas

Paulina Singerman, quando da sua recentissima estadia em Madrid, foi, em virtude do enorme sucesso alcançado, convidada por três das principais ca-sas produtoras desa tão nobre Espa-nha actualmente em lamentável inquietitude. Uma delas era a Cijesa e pro-punha vantajoso contrato que em vir-tude dos compromissos anteriormente

tomados era impossível assinar. Além disto, o teatro é para esta ar-tista a sua razão de ser. O teatro apaixona-a; as peças obsecam-na. Essa obra de Oswaldo Viana que esteve última-mente no Trindade — • Amor — apai-xonou-a de tal forma que não descancou emquanto não conseguiu ensaiá-la.

O autor do Feitico (proposition de la conseguiu ensaiá-la conseguiu ensaigui ensaigu O autor do Felliço é para Singerman quási um mito. Admira imenso a per-sonalidade désse dramaturgo-acinema-tografado que é Oswaldo Viana.

Agora anda entusiasmada com uma peça chinesa, que vai dentro em breve



PAULINA SINGERMAN O TEATRO E O CINEMA

ensaiar. Possui, como lodo o teatro oriental, uma técnica completamente diferente, completamente nova para nós. Intitula-se Arrójo Precioso e anda em ceua há um ano em Londres e nos Estados Unidos. Está ansiosa por essa

Paulina Singerman deixou pela pri-meira vez a América do Sul para vir com a sua companhia alé à Europa. Deixou essa Argentina onde se estreou num teatro infantil do Estado quando tinha ainda dez anos. Depois, aos dezassete, fêz a sua estreia como actriz pro-fissional com a comédia «Uma cura de renouso».

Vai dentro em breve ao Brasil, com o seu reportório de vinte e tal peças, e depois regressará à Argentina, para trabalhar uma temporada grande em Bue-

O Teatro e o Cinema, na Argentina

A Argentina é um pais cosmopolita. Os amadores de teatro são numerosos. Além das companhias constituídas por actores argentinos, algumas das quais já conhecemos — Camila Quiroga e De Rosas — vão anualmente fazer grandes temporadas companhias brasileiras, francesas e italianas. A lingua brasi-

leira (!?!) entendem-na todos os argentinos com facilidade e o francês há muitos que o falam, mas a principal razão é a grande colónia francesa e italiana que reside em Buenos Aires.

Também os visitam anualmente companhias alemās e inglesas, mas a sua estadia não é tão demorada, em virtude de serem linguas menos acessiveis e a colónia ser muito menor.

O cinema lem admiradores, apaixonados e furiosos.

No entanto a cinematografia nacio-nal esta em inicio. Pouco tem produ-zido ou nada. Só agora conseguiram realizar algumas peliculas com equilibrio que fizeram sucesso nos cinemas

As produções são faladas em caste-lhano e não realizaram ainda qualquer versão noutra lingua.

Alguns filmes brasileiros têm feito um certo sucesso na Argentina.

Berta Singermon

A propósito de cinema veio à baila o nome de Berta Singerman, a grande intérprete da poesia que por várias ve-

zes tem estado em Portugal. Após a temporada em Hollywood e depois da última viagem, Berta Singer-

man voltou a Buenos Aires e ai se encontra actualmente, mas não por muito tempo.

Em Hollywood era contratada da Fox e para esta empresa filmou Nada

Fox e para esta empresa filmou Nada mais que uma mulher.

Durante as filmagens surgiram certas desavenças, mas tudo acabou embem. Foi esta a razão porque não assinou imediatamente outros contratos que lhe foram apresentados, uas Berta Singerman pensa, dentro de muito pouco tempo, trabalhar novamente em Hollywood noutra predución. Hollywood noutra produção.
Pena é que o filme ainda não tivesse

chegado a Portugal para vermos na tela a intérprete de alguns dos nossos me-

lhores poetas.

Cinema-Teatro

Voltemos a falar de Paulina Singer-man para conhecermos o seu inteligente raciocínio àcêrca do leatro e do cinema.

—«O leatro é, psicològicamente, mais profundo do que o cinema. O teatro pode revelar-nos as mais pequeninas facetas da psicologia do personagem; e o cine-ma, não tanto. O teatro é mais emocional, o cinema mais grandioso. No teatro é frequente sofrermos, no cine-ma deslumbramos. Quando sofremos no cinema é em virtude dum aclo mais espectacular do que quando sofremos

AO teatro, «O teatro é a vida vivida nesse mo-nento; o cinema é a vida recordada para a tornarmos a viver. O espectador perante uma peça de teatro tem um papel quasi directo e perante uma peli-cula tem um papel contemplativo. O teatro apresenta-nos casos; o cinema apresenta-nos histórias, ou seja: o teatro vive, o cinema conta.»

O actor de teatro e o actor de

—Um, quando interpreta, fá-lo para meia dúzia de pessoas dentro duma sala e o outro para o mundo inteiro. Da interpretação daquele, ficou a me-mória; da interpretação dêste, a ima-gem. Recompensa desigual e no entanto o actor de teatro vibrou muito mais, feiomite toute toute a transfer o actor de teatro vidrou muito mais, foi muito mais sincero, sentiu muitissime mais aquilo que exteriorizava... e para prova basta recordar que no teatro o artista chega a estar un acto inteiro em cena num trabalho sem intermenación como avoltable o attributerrupções e que, portanto, o entusiasma e convence, e no cinema, de cena para cena— e quantas vezes na mesma cena— há tanta interrupção...

«No teatro o actor move-se à vontade e no cinema não, pois a máquina por vezes desfigura o perfil e se se vira para tal lado as luzes não incidem convenientemente.

«No teatro somos mais livres e se não atingimos a celebridade mundial chegamos, por vezes, a comover-nos com os aplausos dessa tal meia dúzia pessoas, para quem trabalhámos

especialmente.» Não faço comentários. Unicamente digo que Paulina Singerman ehegou a entusiasmar-se com a explicação.

Uma peça portuguesa!!!

Paulina Singerman fêz-nos um pedido.

Como possui no seu reportório pecas como possui no seu reportorio pegas francesas, alemás, inglesas, americanas, húngaras, italianas, brasileiras e chi-nesas, queria também que Portugal lhe desse uma obra para interpretar. Manifestou o seu desejo sincero de levar uma peça portuguesa no seu re-voctório.

portório.

Aqui fica registado o desejo, e entretanto quedo-me a escolher um original português que sirva para Paulina Sin-german... «A boneca e os seus fanto-ches»? A «Zilda»? «O caso do Dia»? «Mar Allo»?

TELMO FELGUEIRAS



O cantinho dum provinciano

maioria do público que vai aos cinemas, aquele que transpõe os umbrais duma casa de espectáculos, ou por simples distracção ou com o particular interesse de apreciar as maravilhas do claro escuro so-norizado, tem, está mais que visto, a sua predilecção por determinado ar-

Enquanlo que, para uns, Harry Baur é o expoente máximo da cinematogra-fia, para outros é Charles Boyer o astro mais em evidência; se Chevalier é, para determinado sector, a voz mais agra-

determinado sector, a voz mais agra-dável da tela, outro sector existe para quem Jan Kiepura é o cantor de mara-vilha, o inconfundível, o único. Marta Eggerth, Lilian Harvey, Janet Gaynor e outras estrelas têm, igual-mente, a sua legião de adoradores, a sua falange do loucos, de sonhadores que, em conversações cinematográficas, só sabem falar das suas prediletas, que colocam nos pincaros da Arte, Esses nomes encluem cartazes; e as plateias esgotam-se. esgotam-se.

Mas na obcessão em que cada um vive pelo seu astro «preferido», com certeza que ainda não se deu ao cui-

certeza que ainda não se deu ao cui-dado de pensar qual seria a pior in-terpretação dêsse seu ídolo.

Pode um fanálico de Kiepura ter admirado tôda a colecção da filmes do grande tenor; pode um louco de Any Ondra ter visto desbobinar lódas as obras da azougada estrela mas, do que obras da azougada estrela mas, do que quási temos a certeza é que para êsses mesmos fanáticos para êsses loucos, o trabalho do seu (ou sua) preferido é sempre bom, sempre de grande valor artístico, sempre à altura dos méritos do intérprete. No entanto, quantas vezes assim não é.

Citemos dois exemplos:
Marta Eggerth foi brilhante na «Sinfonia Incompleta», em «Era uma vez uma valsa», e em tantos outros filmes. Mas, pode dizer-se que tenha agrado em «A Princesa diverte-se» e na «Flor de llawai?

Realmente, a linda actriz cuja voz de magia, seduz e entontece não foi feliz nessas suas interpretações, Vimo-la sem a graça inconfundível que nos tem mos-trado noutras fitas.

Jeanet Mac Donald cuja fama é por demais conhecida, que arrebatou mul-tidões na sua já longinqua Parada do Amor, a «doidinha» que fêz crescer água na hôca em Uma hora conligo, também deixou muito a desejar a quem pôde vêla em Marido desconhecido.

O problema das legendas

A questão das legendas... Mas que poderemos dizer sôbre êste

tema?

O disco está tão estafado, tem sido ele tocado tanta vez que, francamente, só pode concluir-se que se a questão continua no mesmo pé. é apenas por teimosia teimosa... dos teimosos.

Não conhecemos hem a engrenagem das legendas; não sahemos como e onde á faita a sua traducião, se há ravisa.

é feita a sua tradução, se há reviso-

res, etc., etc. Todavia, o que podemos concluir é que estes trabalhos são feitos sem uma orientação sólida, porque se assim não fősse, ninguém haveria a protestar, não se trazia o caso para as colunas da imprensa que chegou já ao ponto de lan-car o S. O. S.

Patavras mal escritas, isso então, San-

to Deus, é um nunca acabar! São as asneiras mais frequentes e, afinal, as mais de reparar, pois se o espectador é medianamente culto sabe como a palavra deve ser escrita, mas se se trata de espectadores ponco ins-truídos, o aparecimento dessas palavras fora do português torna-se um caso grave, visto que o cinema deve ser, em todo o sentido uma escola.

CAETANO M. R. TAPADA



Mona Bannister e Waud Perry, no bailado dos balões do filme «O Grande Ziegfeld»

Uma carta de Leitão de Barros

a propósito da interpretação do principal papel feminino de «Bocage»

A propósito de um artigo, publicado num dos nossos números anteriores, De surpresa em surpresa. Maria Helena, primeira figura feminina de «Bocage», recebemos a seguinte carta de Leitão de Barros, que publicamos gostosa-

Meu caro Fernando Fragoso -- Como V. sabe tenho agora muito trabalho e por isso não leio jornais nem respondo nunca, por sistema, às criticas que nos mesmos me são dirigidas. Alguém, po-rém, fêz-me chegar às mãos o seu «Cine-Jornal», onde vem um artigo do seu colaborador e inteligente jornalista novo, Telmo Felgueiras, àcerca da sr.º D. Maria Valdez e da sua actuação em Bocage. Por se tratar de uma se-nhora minha contratada, e só por isso, tenho que pedir-lhe duas palavras, para que as oponha aos comentários do referido artigo,

A sr.* D. Maria Valdez, que tem mui-tas e reais qualidades para o cinema, executa no meu filme um papel interessante. Se, de comum e perfeito acôr-do, ela vai fazer um papel diferente daquele que primitivamente lhe tinham atributdo é porque a sua saúde, a fati-gantissima vida do estúdio, a rapidez fulgurante com que tem de ser feito um filme como Bocage, não permite a essa senhora um trabalho como ela o pode-ria fazer em circunstâncias diferentes. Mas êste facto ,ínfimo, da vida interna do estúdio, em nada diminue o valor já indiscutível e demonstrado pela re-

ferida artista e não deveria vir a público, porque apresentado como foi no referido artigo, poderia prejudicar os interêsses artísticos da referida artista.

Permito-me não responder aos co-mentários feitos com referência aos concursos de vedetas de cinema, com a largueza que o assunto permitiria. Lembro apenas que êles caem pela

base se recordarmos que Dina Teresa foi escolhida por concurso, e que o último concurso estava aberto a todos,

profissionais e amadores. Creia-me, etc., J. Leitão de Barros.

Duas palavras de esclarecimento,

Não tivemos o menor intuito de ser desagradáveis à sr.º D. Maria Valdez, cujos doles de beleza, nestas mesmas páginas, realçámos, como era de jus-tiça, e que nos merece a melhor simpatia, sobejamente patenteada, aliás, na forma como a acarinhámos, desde que foi lornada pública a sua vitória, no concurso para escolha da primeira ligura feminina de Bocage.

Trouxemos a lume o facto da substi-tução de intérpretes da protagonista de Bocage, mão só pela consideração que nos merece Maria Helena, como ainda por o reputamos de interêsse público, e não sum facto infimo da puoteo, e nuo eum jacto infimo da vida do estúdio», como Leitão de Bar-ros o considera. Aliás procedemos da mesma forma, quando Raúl de Carva-lho foi ocupar o lugar de Amarante.

(Continua na pág. 14)

CARTA DEBERLIM

UPONHAM que seria possivel leva à cantina dos estúdios da Ufa ell Neubabelsberg uma pessoa ami ga que não percebesse patavin do trabalho einematográfico. Suponhan ainda que essa pessoa se deixaria con duzir de olbos vendados, sem dizermo para onde a levávamos, e que então para onde a levavamos, e que enlão uma vez na cantina dos estudios, o de-vendariamos de súbito. A sua primeira impressão seria de inanarrável espan-to. É possível até que se julgasse trans-portada para uma casa de malucos No momento da nossa chegada, acha-vam-se na cantina esses grupos de lin-das mulhores que poscos minutos antes

das mulheres que poucos minutos antes tinham cantado no estúdio um hino a Boccacio, o galá de um novo fihne da Ufa. E agora vêmo-las ali sentadas. umas ao lado das outras, esquecidas do galā, ocupadas talvez com os seus assuntos diários. Os «garçons» correm apressados, servindo almoços a comensais que parecem figuras de museu e em cujos rostos se estampa a fadiga de várias horas de trabalho à luz intensa dos projectores.

Noutra mesa, nota-se um outro grupo de aspecto completamente diferente. Este vem de uma época mais aproxi-mada da nossa. Um cavalheiro muilo serio, de irrepreensivel casaca, conversério, de irrepreensível casaca, conversa animadamente com uma senhora de vestido de «soirée», ao lado da qual vêmos um interessante rapazinho de cérca de cinco anos de idade, que emunha, com certa graça, a sua colhér de sôpa. Dizem-nos que são os intérpretes principais doutro filme Schlussaikord (Acorde final), uma grande producão musical. Enquanto contemplávamos as três personagens, a cantina foise enchendo de gente. De súbito. na foi-se enchendo de gente. De súbito, o cavalheiro sério, levanta-se do seu lugar, aproxima-se de outra mesa e estende a mão a um sujeito que, pela cara e pelo aspecto, deve ser um autêntico handido.
Este nertence a outro filme. Savoy

Hotel 217. Os artistas da produção des-eansam e vão para a cantina comple-tar, com as suas harhas e a roupa em trapos, o aspecto pitoresco da sala. Parece até que conhecemos aquele homem de barbas pretas, que está conversande barbas pretas, que está conversan-do com o cavalheiro de casaca. Não há dúvida: é René Deltgen, que — não sei se se lembram — fêz nm dos papéis principais de «Joanna d'Are». Agora, aparece na cantina uma boni-ta mulher, vestida de enfermeira. O seu traie hospitatar dá-lhe um ar de inge-putificade mas no filme que decempanha.

nuïdade, mas no filme que desempenha, nuidade, mas no filme que desempenna, revela-se, mais tarde, uma perigos, aventureira. Vem agora um director de cena, mas êsse nem tem tempo para se sentar: toma à pressa um copo de água mineral e desaparece, como um fura-

O intervalo acabou para a gente do Sanou Hotel, Nós vamos atrás de René Delfren, para saher os motivos da estranha caracterização. E lá dentro, no estidio, tudo se explica naturalmente, porque a cena representa um asilo de decompandos em Mescovo. Co miscove desamparados em Moseovo. Os miseros sentam-se todos a um canto. Nas pare-

sentam-se todos a um canto. Nas pare-des, negras de fumo, os asilados cola-ram iornais, a fingir de papel pintado. Os homens trazem sapatos esburaca-dos e luvas de lá rótas, e no entanto, pela conversa de um deles verifica-se ane já viu dias melhores — no filme, e claro. Tudo o que lhe resta desse pas-sado é uma corrente de ouro da qual ide não que separases.

ele não duer separar-se. Por aqui se vê que o filme *Savoj Hotel* de Gustav Ucicky, não só nos revela os segredos da riqueza, como tam bém os escaninhos da miséria. Nêst filme o público tornará a ver um ar-tista que mais uma vez evidenciará a suas altas qualidades interpretativas Hans Alhers, que esteve em Lishoa quando das filmagens de Estupefacien-

M. B. SANTOS E SILVA

ANET Gaynor parece ter descoberto o elixir de longa vida. Há dez anos, que a vemos na tela e nesse espaço de tempo não envelheceu. Crista-lizou nos dezassete anos e por ai conta ficar. Uma carreira difícil, um casa-mento de amor, um divórcio tumultuoso não alteraram a serenidade da sua face de boneca. Querem saber quais os seus segredos de beleza? São simples!

Nunca é torde...

As raparigas de hoje andam com sorte. Todos os jornais, tôdas as revis-tas prodigalizam conselhos de beleza. A precos convidativos, encontrain-se, por tôda a parte, produtos de aformoseamento. O cinema deu-lhes o gôsto de ser belas. O progresso da ciência estética ofereceu-lhes a possibilidade de o satisfazer.

Aquelas que, desde os dezasseis ou Aquetas que, teste os tezassers ou dezassele anos começarem a seguir cuidadosamente os mais elementares preceitos de beleza (cuidados com a pele, cultura física, uso da água fria, etc.) podem ter a certeza de que chegarão aos quarenta com um corpo de linhas graciosas, e aos cinquenta com

ma cara sem rugas.

Mas há também aquelas que, pertencendo a gerações precedentes, sofrem hoje as consequências de erros e pre-conceitos tolos, de tôda a espécie: «uma rapariga não precisa de «maquillage» nem de cremes. Isso estraga a pele»— dizia-se! «Todos devem comer o que tém na vontade, senão dão em tuber-culosos. A gimnástica não é precisa. Quem trabalha tem já com que se estafara - acrescentava-se então. uma inconsciência que toca as raias da loucura.

Essas lêem agora os conselhos de be-

leza e suspiram: já é tarde.

Ora a verdade é que nunca é tarde
para lutar contra a gordura, contra as rugas, contra as atitudes pouco gracio-sas. É claro, essa luta demanda esforcos duplos daqueles que seriam neces-sários antes. Prevenir é sempre mais fácil do que remediar. Mas tenho visto, cm aulas de dança, mulheres de qua-renta anos, que ali foram para ganhar ou perder peso — e que obtiveram resultados magnificos.

Quem dança seus males espanta...

Creio, piamente, nos bons resultados Creto, piamente, nos bons resultados da dança rilmica, menos fastidiosa que a gimnástica sueca. Os movimentos mais elementares da gimnástica rítmica exigem e dão graça e leveza.

Não se esqueçam nunca de que o gosto pelos exercícios físicos desperta logo que os músculos se «desenferruita». Fo esfáreo lograrse depois num

jam»... E o esfôrço torna-se depois num prazer.

Não se agarrem, pois, à desculpa de que é tarde ou cedo para começar. Sigam os conselhos que vos dou, porque cada dia que se perde são dois dias que a velhice ganha...

«Coquetterie» e economia

É preciso destruir outro principio quási axiomático: a coquetterie não é um luxo caro.

Tôdas as dietas têm por base os le-gumes e suprimem as bebidas alcoolicas, os doces, a manteiga, o pão, a cerveja e o vinho—por conseqüência embaratecem as refeições. Todos os cuidados com a pele lém por base a água. Com um pouco de leite, de clara de ovo, de azeite e de sumo de certos fru-tos—oblém-se magníficos ingredientes para a pele, baratissimos aliás. Quanto aos produtos de beleza são caros, por vezes, mas deve-se, mesmo assim, preferir os bons. E a verdade é que um boião de «crème» ou uma caixa de «rouge» duram meses. E se fizerem umas pequenas economias, se deixa-rem de tomar aqui um «Pôrto», de comer ali aqueles bolos, etc. — depressa cobrirão essa despesa supérflua.

As lições de dança custam relativa-mente pouco. E uma, por semana, basta. Nos outros dias, fazem-se os exercícios em casa. E só agora reparo: não dei precisa-

mente ainda conselhos de beleza Limitei-me a bordar algumas considerações práticas, que, na verdade, nos podem decidir a seguir determinados preceitos que às vezes se desprezam... por economia.

Cinturinha de vespa...

Em regra quási tôdas as mulheres têm a ambição de emagrecer - e adoram tôdas as receitas que se lhes dêem para atingir tal fim. Afinal, para ema-grecer, basta apenas querer emagrecer. Mas querer, verdadeiramente, ardente-

mente, profundamente.

Devemos pesar-nos tôdas as semanas.
As mais pequenas oscilações de pêso devem ser observadas. E logo que se sentir sinal de alarme, deveremos obsersentir sinal de alarme, deveremos observar uma dieta rigorosa. Quanto a mim, nunca tive motivo para sustos. No entanto, quando começo a sentir os vestidos um pouco justos, adopto a seguinte dieta:

De manhã: café e fruta. Ao meio dia:

Não se esqueçam de que é a refeição da noite a que mais faz engordar. E compreende-se: a digestão da mesma faz-se no mejo duma imobilidade absoluta. Procurem adormecer o mais cedo possível e com o estômago o mais vasio possível. Quem dorme — janta...

Macõs, cozidas em leite!

Antes de lerminar, permitam-me que vos de uma esplendida receita de he-leza, para a pele cansada. É simples,

leza, para a pele cansada. É simples, eficaz e baratissima — pormenor êste que a torna verdadeiramente preciosa. Arranjem uma maçã, grande. Cortem-na em várias fatias grossas. Cozam-nas em leite. Apertem-na sem a esmagar, a-tim-de que se embeba bem, e estendam a pasta sôbre a cara. Deixem--na secar e evitem mexer-lhe, pois corre o risco de se desagregar antes de tem-po. Para a tirar, empregue-se água

E verão! Um resultado maravilhoso!



MARLOT está noivo? Charlot easou? Charlot está...

... A verdade é que, a estas horas, singra nos mares do Oriente, no «deck» dum luxuoso transallânlico, e leva pelo braco orgulhosamente, a contrastar com os seus cabelos brancos, a mocidade triunfanle, a beleza capitosa de Paulette Godard!

Extintos os ecos dos últimos aplausos que ecoaram na sala do Rivoli, de Nova York, na noite da estreia de Tempos Modernos, Chaplin abandonou o novo mundo pelo pitoresco do Japão, pelo ambiente estranho e exótico da China milenária.

Viagem de negócios?... Vejamos os antecedentes.

* * *

Há muito tempo que Paulelle Godard se tornou no alvo favorito das senhoras vizinhas de Hollywood. A dedicação de Chaplin por aquela garota de olhos negros, a sua solicitude, o inlerêsse que soube despertar no grande círculo fôram sinais evidentes de que ssa mulher-criança, «vampe» e inf ua ao mesmo tempo -- Paulette Goard, tout-court.

Neurasténico alé à médula, torturado or uma vida de desgostos intimos haplin nunca foi feliz nos casamen- cina. s - perseguido pelas Ligas Feminis-

das paixões que o abrazaram. E êste homem que passou a vida a fazer estrêlas -- Mildred Harris, Lita Grey, Edna Purviance e tanlas outras faz um filme, agora, por cada mulher que o fas-

Paulette Godard, por enquanto, eslá s, vaiado pelas sufragislas america- ainda no galarim... Dum dia para o ouis, vigiado pelo Exércilo de Salvação tro, a sua hora, no coração do famoso moralidade na América não é uma mimo terá findado. E Chaplin caïrá dague») - Charlie Chaplin teria sos- no seu desespêro intimo, no sua neubrado, dezenas e dezenas de vezes, se rastenia incurável - até que novo sorio fosse a dedicação das mulheres, riso o desperte, que uma nova mulher



-muito nova, sobretudo! o enfeitiçe, de vez,

E Chaplin, como milionário que é, como apaixonado famoso não lhe dará um anlomóvel, não lhe dará um palácio... Fará um filme - para lhe dar dentro de alguns metros de celuloide, a glória e a fortuna...

* * *

Ignora-se verdadeiramente, ou esquece-se talvez, propositadamente, em que circunstâncias Charlie Chaplin travou conhecimento com a sua noiva real.

Afirmam uns que ela era uma das «chorus-girl» do filme de Eddie Canlor, Escándalos Romanos, e que o famoso intérprete da Quimera do Oiro a teria descoberto, quando assistia, certa vez, à exibição do mesmo filme. Outros asseguram que se trata duma burguesinha do Arizona e que Chaplin a conheceu durante uma reinião familiar, a que casualmente assistia. Terceiros contestam as opiniões anteriores pretendendo demonstrar que Paulette Godarde é o pseudónimo que encobre o nome duma rapariga da melhor linhagem inglesa, e que êle teria caliciado», durante a sua viagem à Europa,

Seja como fôr, o certo é que Paulelle, «girl» da Sam Goldwyn, burguesa do Arizona, ou lady da loira Atbion, é hoje célebre, lem tudo o que quere - e domina orgulhosamente o mais genial dos actores de todos os tempos!

FERNANDO FRAGOSO



oddard

acordara no coração de Chaplin uma verdadeira paixão. E a noticia, a principio pouco precisa, de que êle se ia lançar na produção dum novo filme veio dar foros de verdades inconlestáveis aos boatos que então se rumorejavam sôbre o próximo enlace das duas

É que foi sempre assim! Charlot realizador, mormente nos últimos tempos, foi uma consequência do Chaplin, apaixonado!

A alma do Circo foi Merna Kennedy, De Luzes da Cldade, a loira Virginia Cherril, E agora, de Tempos Modernos,



Ol num dos dias da Semana Santa. Convidado para ir a um cinema da Baixa ver «A Vida de Cristos acedi mais para comprazer do que por sentir qualquer interésse nessa exibicão.

É que, com excepção de «O Rei dos reis», as Vidas de Cristo que têm passudo aute os meus olhos pasmados dão--me a impressão de terem sido preversamente realizados nos estúdios da U. R. S. S.

Ao transpor o limiar do cinema em questão, estava preparado para tudo. desde o presépio estilo Renascenca à Ascenção com uma moldura de núvens de cartão pintado de molde a não iludir o especiarlor da última fila do balção. da úllima ordem; ludo antevia calada e

Pois a espectativa, por demais pessimista, foi escandalosamente ultrapassada.

E, ao lembrar-me que na última cróuica me queixara dos progressos lentos observados nos últimos tempos do cinema, não pude deixar de pensar que os deuses e as deusas que presidem aos destinos da cinematografia se estavam vingando e ajustavam, com usura, conlas comigo.

O filme era mudo, não só porque «não me dizia nada» como lambém por ser do lempo em que Lumière andava na instrucão primária.

Juntou-se música com o propósito de com ésse complemento se ajudar o espectador a digerir tal pastelão.

Pois imaginem (estou daqui a ver a indignação de René Bohel) que os trechos «de circunstância» escolhidos forum, entre outros, dois duma oportunidade mais que flagrante, «deftagrantes.

Deus me perdóe. A entrada de Jesus em Jerusalém foi feila ao som da Marcha Militar de Schubert.

Para a cena da crucificação procurou-se, já se vé, música mística adequada à elevação do momento. Escotherum então Wagner.

- Muilo bem! dirá o leitor a pensar no Parsifal, mas ainda desconfiado da marcialidade com que havia sido feita a entrada em Jerusalem.

Pois está redondamente enganado. Decidiram-se nem mais nem menos pela Cavalgada das Walkyrias. Apre!

E en que não linha levado a bem que outro cinema houvesse exibido em Sexta-feira de Paixão... valsas de Strauss!

A sala estava cheia. Nuuca vi público tão paciente, resignado, fatalista.

Aqui e acolá ouviam-se ténues nmrmúrios de protesto. Mas, na verdade, que mais se podia fazer? Dar paleada precisamente no momento em que Cristo eorria os vendilhões do Templo? Impossível. Parecia manifestação de solidariedade para com os tratantes.

Escolher para o efeilo o beijo de Judas? Nessa altura já o espectador rejubilava com a perspectiva de chegarem a cabo os seus trabalhos.

Para o uno só não escreverei uma crónica igual a esta para não cansar a

Cinema Carlos Alberto

E não se efectuar hoje deve estar por dias a inauguração do Cinema Carlos Alberto, que vem servir

U Carlos Alberto, que vem servir um bairro populosissimo e que outrora foi a zona chique da cidade. Dadas as condições da sua sala de espectáculos, a que uma nova disposição deu mais elegância e até mais confórto, e em virtude do novo cinema vir animar uma parte da cidade que não tibbo, audutor afonce do disposão. tinha qualquer género de diversões, além de apresentar os mais selectos programas cinematográficos, tudo leva a crer que este cinema constituirá, num futuro próximo, mais um templo da arte da imagem animada, além do mais completo êxito para os seus dirigentes.



cineasta René Clair e em face da dis-cussão que o seu filme «Vende-se um fantasma» suscitou na imprensa estrangeira, há, num certo meio, curioso in-terêsse em apreciar êste filme que hoje se estreia no São João Cine.

Veremos, entretanto, se o público saberá interpretar o alto sentido critico e artístico do conhecido cincasta francês ou se a sua apresentação será motivo para nos convencermos que muito ainda tem a desbravar a imprensa cine-matográfica, na preparação do espírito

A festa do Figueirôa

Não é uma homenagem vulgar a festa do Figueirôa, que se realiza na pró-xima quarta-feira, 22, no cinema Batalha.

O estimadíssimo secretário do mais anligo e popular cinema do Pôrlo, além de não ser, nesta cidade, uma figura banal, pelas suas qualidades directivas, pela sua admirável intuição orientadora e pelos seus admiráveis dotes pes-soais, de há muito, e mais que qualquer outro, conquistou plenamente a simpatia geral.

£ que Figueiroa, lendo-se identificado plenamente com o espírito e com o gôsto do público, sabendo auscultar-lhe as tendências e descobrir-lhe os gostos, impôs o cinema que orienta de forma iniludível.

E' além, de tudo, uma das poderosas roldanas do grande maquinismo cine-matográfico, um dos mais devotados soldados dêsse anónimo exército de trabalhadores que ao cinema dão tôda a sua vida, tôda a sua alma e o vigor dos seus nervos, e cujo esfôrço, tenaci-dade e espirito de sacrificio poucas vezes têm sido desvendados aos olhares do público.

Como, além de tôdas as suas grandes qualidades de dirigente, consciencioso e sabedor. Figueiróa é um verdadeiro «gentleman», as suas festas constituem autênticas paradas de amigos, de dedi-cados amigos que na quarta-feira não faltarão no cinema Batalha a dar-lhe o grande abraço.

Demais o programa é tentador, um rograma que inclue os filmes de maior êxito da presente temporada e que tornarão mais atraente, deveras aliciante a festa do simpático Figueirôa — figura que todo o Pôrlo sinceramente estima.

«Matinées» mais baratas

Tem tido avultadíssima concorrência as «matinées» que se realizam em dias semana nos cinemas Trindade e Olimpia e que, como oportunamente noliciámos, de há tempos foram reduzidas em 50 % nos seus preços de en-

Tal medida veio animar extraordinàriamente os frequentadores dêstes es-pectáculos que, assim, podem usufruir as delícias das melhores sessões cincmalográficas por preços acessíveis a todos.

CARLOS MOREIRA



Clark Gable no meio dum grupo de beldades, com os pitorescos trajos de 1906

alenção do leilor, porque o mesmissimo filme tornará a correr, um pouco mais usado, e quanto aos discos se se encontrarem excessivamente ovariados serão naturalmente substituidos por uma selecção da Aida ou do Trovador.

l'orque nessa altura — bolas! — a casa encher-se-à de novo. Apenas haverá uma pequena diferença -- e muito pequena, decerto! — é que não será fácil encontrarem-me assistir à expulsão dos vendilhões do templo, com Walkyrias ou sem elas.

ANTONIO DE CARVALHO NUNES

Tudo se conjuga para que assim seja e o facto de os preços dos lugares se-rem modicissimos, deverá constituir um grande motivo de atracção a juntar aos muitos que o Cinema Carlos Alberto apresentará.

Este salão faz parte do agrupamento dirigido pelo nosso amigo António Neves que, além do Carlos Alberto, inclue os cinemas Trindade, Batalha e Olimpia e dos quais é calma maters o nosso velho amigo e distintissimo colega Al-berto Armando Pereira, um nítido va-lor adentro do jornalismo cinematográfico e un orientador de pulso forte.

À espera dum êxito...

Dadas as possibilidades do conhecido

Económica e Persistente...

A vinte e tal anos, numa das inúmeras casas de Brooklyn, o mais pobre dos bairros de Nova-York, vivia um viuvo, com uma filha. Era cantoneiro e chamava-se Stevens. A pequena, que dava pelo nome de Ruby, tinha aquela gravidade precoce das filhas de viúvos, desde miudas sobrecarregadas com o governo da casa.

Ao meio dia, levava-lhe o alméço. Enquanto o pai comia, entrelinha-se a ensaiar os mais fantásticos passos de dança, para divertir os outros operários. E estes, depois, davam-lhe alguns centimos que ela apreciava doidamente como era natural...

Certo dia, quando o pai trabalhava num bairro rico, lembrou-se de entrar no Prospect Park, para descansar um pouco. Em plena Primavera, coberto de flores, aquele recinto, verdejante, refulgia ao sol e parecia coberto de lantejoulas, tal o efeito dos raios de sol, sóbre as planlas peroladas pela água com que antes haviam sido regadas.

Em redór do parque, casas lindas, vivendas luxuosas, despertaram na pequenita sonhos infinitos:

—Um dia, estou certa, também beide ter uma casa assim.

E para a comprar, passon a fazer eco-

nomias, e a guardar num cofre os centimos que os operários lhe davam. O pai morreu. Bárbara entrou num

O pai morreu. Barbara entrou num orfanato. Passou sem brinquedos e sem gulodices. Mais tarde, soube até o que era a fome. Mas nunca quís tocar no «dinheiro da casa» — da casa dos seus sonhos...

O tempo correu. Ruby cresceu. Mudou de nome e mudou de vida. A sorte e a fortuna sorriram-lhe. Quando se julgou suficientemente rica mandou construir então a sua linda casa, na Avenida Bristol, num dos bairros mais elegantes de Hollywood: em Brentwood Heights. E no cheque com que pagou a sumptuosa moradia, os jardins, a garage e a piseina, lá estavam incluídos os modestos centimos que os operários lhe haviam dado, acrescidos dos juros de quinze anos, aqueles centimos que ela soube economizar ciosamente. Bárbara Stanwick realizou o sonho de Ruby Stevens.

Coração de Oiro

Bárbara Stanwyck nasceu do povo. Todos o sabem. Ela tão pouco o esconde. Com a glória não conquistou nem o verniz da sociedade nem o snobismo.

verniz da sociedade nem o snobismo. Não pretende, como a sua linda vizinha Joan Crawford, cujo passado foi em tudo semelhante ao seu, ser uma



«lady». Conserva ainda o pitoresco calão de Brooklyn.

Gosta de recordar o tempo em que vivia num quarto alugado, con duas raparigas amigas (uma das quais Maë Clarke) e em que eram etemidas» pelo seu atrevimento, peta sua audácia. Chamavam-lhe «as três mosqueteiras». Riam-se do amor... Mas o próprio amor que menosprezavam acabou por as separar, vingando-se assim das suas criticas, dos seus ditos mordazes... Maë e Bárhara casaram e seguiram o seu destina

tino.

No estudio, tôdas as suas simpatias vão para os «pequenos»... E os «grandes» detestam-na. Desinteressa-se em absoluto pelos «polins» de Hollywood, pelos divórcios e pelos escândalos. Acha muito mais curioso saber que a mulher dum dos electricistas está à espera do seu bébé e que um dos carpinteiros está doente. Certo día, um electricista queimou o fato. No día seguinte, recebeu dum anónimo, um fato novo. O «anónimo» foi Bárbara Stanwick. Um dos empregados do laboratório, noutro día, foi multado. Não tinha com que pagar ao fisco e resolveu rifar o automòvel. Bárbara ficou-lhe com tôdas as rifas. E, no día seguinte, ao sair de

rilas. E, no dia seguinte, ao sair de casa, o rapaz teve a alegria de enconlirar o carro à sua porta.

Bárbara não se dà com as outras vedelas de Hollywood. Mas a sua casa està sempre cheia. E encontram-se lá figurantes, artistas sem categoria, que outrôra conheceu em Broadway. São aqueles que se lançaram ao mesmo tempo do que ela na carreira, em que ela triunfou e que éles sossobraram...

... Mas um pouco vingativa

Vale mais estar na sua graça... E vingativa e impiedosa, Quando chegou a Hollywood foi convidada para assistir a determinada festa. Era desconhecida e ninguém lhe ligava a menor importància. Ao fim de quarenta e cinco mi-

(Conclui na pag. 14)





Exposição de fotografias de «O TREVO DAS 4 FOLHAS»

UEM passar pelo Tivoli não tenha hesitações: entre no salão de chá e vá ver a exposição de fotografias, executadas por João Martins, sôbre imagens do filme «O Trevo de 4 folhas». Verá que não perde o sea tempo. Peça um catálogo e dê uma volta pela sala; de mesmo muitas voltas porque, no fim de cada uma, ficamos com a impressão de que não vimos tudo. Quando se entra começa-se por um lado e olha-se para a primeira folografia. Os nossos olhos ficam encantados com a sua plasticidade e com :sua beleza. Mas logo outra, a do lado. começa a enfeitiçar-nos e nós ai vamos atrás do feitiço. Nessa altura, já a outra que se segue nos chama a atenção. E, sem darmos por isso, no fim de alguns minutos estamos, de novo, em face da primeira fotografia. Acabou-se a primeira volta. Agora já a vizinha nos não transforna os planos. A primeira curiosidade está satisfeita. Vamos à segunda volta, para apreciar os pormenores.

Aqui está a fotografia n.º 1. Diz a legenda: «Na pensão — Beatriz Costa « Procópio. Colunas do patácio antigo onde se alberga uma pensão modesta. E onde principia a albergar-se um amor que, de momento, consiste em escrever o que ela lhe dita».

O quadro é cheio de ternura. Tem o sabor delicioso dum idílio, de um primeiro idílio, em que dois corações procuram, a um tempo timidos e confiantes, enquadrar-se no mesmo simbolo de felicidade. É o cenário ajuda, ajuda muito. É plástico e moldável; parece adaptar-se ao poema encantador dos dois amantes, numa metamorfose sem esférco.

Beatriz Cosla empresta às fotografias um sabôr único de feminilidade. Onde ela aparece surge a mulher. Aqui a encontramos, de novo, na foto n.º 15. «Diálogo de amor — Beatriz e Procópio. Dois corações que vão andando um para o outro - à beira de um rio, de mn lago, de um mar... de um aquário de cristal. No quarto alegre de uma pensão entrou o sol - vai entrar o amor». A legenda diz tudo. O interior é enternecedor na sua modéstia e é eloquiente no sentido. Respira-se uma atmosfera de intimidade amorosa. Há no amhiente um vago perfume embriagador, que se adivinha em cada pormenor.

Mais adiante o quadro n.º 13. Ma conta, mas muito bom quadro. Procópio cedeu o lugar a Nascimento, que ali vemos, maguífico, ao pé de Beatriz, O conjunto é harmonioso, como um sonho, mesmo um «grande sonho», como reza a legenda.

Há um quadro, entre todos, que nos

eacanta mais por nêle se reunirem duas coisas difíceis de aliar. Intitula-se «Entusiasmo desportivo». Parece animado. com muito movimento. É uma das coisas. A outra, é a beleza plástica do coniunto. Não lem nada da turba mal arrumada e pouco fotogénica que estamos acostumados a ver nessas fitas desportivas «Made U. S. A.». A brandura dos tons e o movimento das figuras fizeram as pazes neste quadro e conseguem persuadir-nos de que não há incompatibilidades entre a reportagem «à la minute» e a beleza dos arranios. Em geral, um arranjo fotográfico nêste género irrita-nos pela sua estabilidade. Aqui não. Há arranjo e há dinâmica.

Outros quadros, como sejam os n.º 17 e 19, revelam-nos, a par da arte do fotógrafo, o bom gôsto do decorador moderno. Respira-se ali século XX por todos os poros. «Arquitectura Moderna. Gósto moderno. Elegáncia de hoje». Diz a legenda como a chamar-nos a atenção. Não é necessário. Tudo está tão patente que cheganos a esquecer-nos de Beatrix, sempre deliciosa, ou numa pensão moderna ou num interior imponente de um grande hotel.

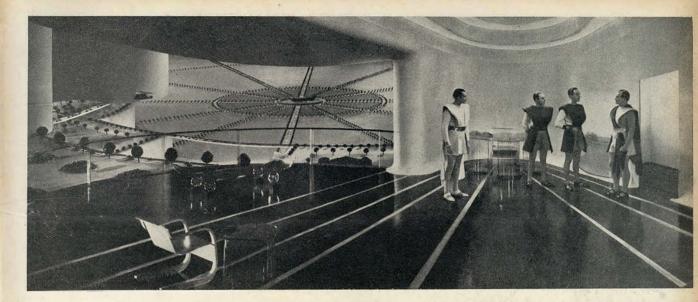
Mafalda também tem encantos de encantar. Diz-se que nunca chegará a ter o nome de Crawford, a-pesar-de ser sublime. Chega a indignar-nos o facto de filmes assim não entrarem na América. só pela simples razão de desejarmos a Mafalda mn nome major que o da Crawford, O n.º 9 apresenta-a como uma encantadora «estrêla», o n.º 6 como encantadora mulher, e o n.º 11 como a mais encantadora das «vedetas». Tôda ela é encanto. Não a conhecemos, nem como mulher nem como artista. Todavia adivinhamos que possui uns olhos verdes que falam ao coração. Ansiamos por descobri-la no filme para termos. assim, a confirmação dêsse bruxedo. Zé Maria (Paco ou Nascimento Fernandes) deve ser um homem feliz por tê-la a seu lado. Fala verdade a legenda: #E anenas um homem seduzido pela beleza sensual daquela mulher, que mais parece uma vampe...». Com efeito, tudo isso João Martins conseguiu apontar nas suas fotografias, que falam como livro aberto.

Não cuidem que exageramos. As fotografías falam, tocam música e entoam canções. Para além daquetes rectângulos, singelos mas eloqüentes desenrolase a acção. Será visão ou sonho? Nada disso! Nem sequer imaginação. Quem vai ao salão de chá do Tivoli pode gabar-se de conhecer «O trevo de 4 Folhas». Não nos deram a ler o argumento mas, talvez por descuido, não repararam que éle está escrito naqueles quadros fotográficos.

Estamos de novo no principio. Vamos na terceira volta, Nada de confusões com os ciclistas na pista. Os ciclistas perdem o fõlego e ficam cansados de tantas voltas. Nõs não. A cada volta que damos corresponde um «crescendo» de entusiasmo e cada uma que recomeça traz-nos maior ansiedade.

Voltamos ao quadro n.º 1. Ele escreve o que ela lhe dita. Há mu fundo da música. Mas agora nós ouvimos a Beatriz e ouvimos a música. Agora não e sonho com certeza. Ouvimos distintamente. Beatriz Costa entrou em cena; está a nosso lado «em carne e ôsso» e faz comentários. Lá adiante está o maestro Frederico de Freitas com a sua orquestra. Isto afinal é realidade! Vamos ouvir a música, Paramos, sem darmos por isso, diante de um outro quadro onde Nascimento enverga a camisota de «keeper». «Vai começar o jôgo», diz a legenda, mas quem começa é Frederico de Freitas com a alegre marcha do «Foot-ball». A música é tão suave e tão linda como as folografias. Os motivos musicais sucedem-se, enchendo o salão de chá do Tivoli, todos éles deliciosos e cinematográficos. Foram compostos a preceito. Têm o ritmo agradável das canções de Broadway. como nos alegres filmes dos Van Dyke de Hollywood.

Cá estamos, outra vez, na primeira fotografia. Isto é feitigo por certo. Olha mos para o relógio; são horas de jantar. Impossível mais alguma volta. Como nos sonhos pesados, nos pesadelos, em que os pés se colam ao chão impedindornos de caminhar, também ali, diante daqueles 29 rectângulos cinzentos, os nossos pés se recusavam e dar um passo para abandonar a sala Todavia, não há outro remédio. É necessário partir e creiam que partimo: com mágoa. Resta-nos a consolação de que... àmanhã também é, dia.



FUTURA

1940. Em Everylown, uma cidade modernissima, de geração espontânea, festeja-se o Natal. Com o andar dos tempos, não se perdeu a tradição de comemorar o nascimento de Jesus — muito embora os homens cada vez pareçam esquecer mais aquelas palavras de fraternidade que êle prégou na sua passagem por êste mundo.

Natal triste ésse de 1940. Os jornais, em grande parangonas, profetizam a guerra. As nações, armadas até ao depuerra. As nagoes, armadas ate ao de-lirio, parecem esperar apenas o pre-lexto de se lançarem, umas contra as outras, numa lula de vida e de morte! Nas chancelarias, tramam-se golpes de audácia que parecem ser autênticas provocações. O mundo vive sob o pa-vor duma nova catástrofe.

E a neve não deixa de cair, fazendo gelar o sangue nas veias dos infelizes que se afoilam a sair das suas casas. Porque a super-civilizada Everytown conseguiu tudo — excepto arranjar um clima paradisiaco...

¥

familia Cabal festeja o Natal. Comenlam-se as noticias que correm. Passworthy, anigo de Cabal, não crê na guerra. Não admite, depois de tan-tas outras, do exemplo do passado, que o mundo seja teatro duma nova carnificina. Tem fé na mentalidade dos no-

Mas, subilamente, ouvem-se tiros, ao longe. O lelefone retine. E do aerodromo. Cabal, como aviador, é convocado a tôda a pressa. O telefone, o telégrafo não cessa de transmitir ordens. O alar-me é súbilo. Mas ludo estava previsto. Os estafetas correm pela cidade em pánico. As luzes apagam-se. As másca-ras contra os gases são distribuidas a todos. É indiscutível a confusão. E Everylown, merguthada nas trevas, aguar-da o alaque das esquadrithas aéreas!

* *

A imaginação humana é incapaz de deserver o que se passa! Os aviões desearregam sõbre a cidade quilos de metralha. A chacina é completa! A destrução impera! Por tôda a parle, a Morle e a Desolação cobrem com o seu manto a cidade das Trevas. Ouvem-se para esta a remidor de particular de consultador. Com no ar os gemidos dos moribundos. Com fragor, ruem as construções magnificas que eram todo o orgulho duma civilização, Nos escombros, ficam sepulta-dos os inocentes; homens, velhos, mu-lheres, crianças. Os gases tóxicos penelram nas máscaras, rasgando os pul-mões. É um horror, uma catástrofe como não há memória.

A guerra avassalou o mundo inteiro, A guerra avassalou o mundo inteiro, Os anos passam, Cada vez, a civilização é mais nula. Os homens cedem aos seus instintos primitivos. Uma nova peste, conhecida pela doença da Alucinação, alastra pelo Universo, dizimando tudo

Em Everytown, um homem enérgieo e decidido, domina a peste, trata os doentes e queima tudo o que pode propagar a infecção. Chamam-lhe o chefe. E novamente começa a guerrear os Estados vizinhos. A civilização morreu! O povo parece ter perdido o desejo de viver. Os aviões eslão inutilizados. Gordon, ex-mecânico aviador, eslá encarregado da sua reconstrução. Mas não há gasolina nem ferramentas. E, um dia, surje um homem com um novo tipo de aeroplano. Chama-se «Asas do mundo» e prelende fazer renascer a civilização. Mas o chefe, receoso do seu poder, manda-o encarcerar. Gordon consegue, utilizando a gasolina do prisioneiro, fazer voar uma das máquinas do chefe e dirige-se a Basra, a-fim-de

prevenir os companheiros do prisioneiro, que é afinal o velho aviador Cabal.

E a história repete-se.

Uma grande esquadrilha, composta de máquinas modernas, aproxima-se da cidade e domina os seus habitantes táctica agora é outra. Já não é metralha que os aviadores despejam sôbre a cidade. Tudo se encontra destruído já. E um gás, um gás que nada tem de tóxico, mas que adormece os mortais. Chamam-lhe, ironicamente lalvez, o gás da Paz. E o chefe, o chefe poderoso,

Uma nova cidade ergue-se sóbre as ruínas de Everytown.

Oswald Cabal, neto do velho Cabal, o ditador do Ar, é agora o Presidente do Conselho.

A ânsia de domar a Natureza, de de-vassar os seus segredos ,a sêde de civilização — imperam! A grande invenção, agora, é o Canhão da Lua, que se destina a enviar àquele planeta dois seres

para o repovoar.

A escolha das pessoas que deven tentar a experiência recai no filho de Cabal e em Maurice Passworthy, neto do velho Passworthy, que, anos, antes, não julgava possível a eclosão da guer-

Nas vésperas do célebre dia, que irá marcar uma nova conquista do progresso e da Humanidade, Theotocopulos, um visionário, um louco, pretende revoltar o povo, para que não consinla na barbaridade de arriscar duas vidas humanas inglòriamente.

Recruta meia dúzio de homens, mas chega demasiado tarde.

No meio da espectativa geral, o cilindro que contém os dois jovens, é dis-parado, e singra, no espaço, com uma

velocidade inconcebível. O resultado é desconhecido, mas Cabal não dúvida. A Humanidade conquistarà todo o Universo! E o filme termina com esta profecia

que tem qualquer coisa de terrivel, de assustador e de optimista!



Umo imagem brutal! A guerra e as suas vitimas!



Lili Damita, francesa de nascimento, portuguesa de coração...

BARBARA STANWICK

(Contimação da pág. 11)

nutos de isolamento encontrou a mulher dum médico da Cinelândia, que se sentia tão deslocada como ela, naquele insuportável covil de «snobs». Agora, quando recebe convites, rasga-os indignada.

Todos aqueles que lhe fòram desagra-dáveis podem perder a esperança de que ela os auxilie e atenda. Nunca tra-

balharão a seu lado.

Um belo dia, um jornalista entendeu que devia publicar determinado eco referente à sua vida privada. Foi formal na resposta que lhe deu: «Se con-tinuasse, esbofetcá-lo-ia». E o outro calou-se, pois tinha a certeza absoluta de que ela cumpriria a palavra. É muito difícit de aturar — como diz

o vulgo... Os produtores conhecem-na... A sua vontade é lei. É obstinada, pa-ciente e incapaz de se exaltar. Com ela nunca há discussões, crises nervosas, histeria espectacular ou declarações nos jornais. É uma guerra surda. Bárbara detesta os produtores de Hollywood. Não se esqueceu ainda do acolhimento que êles lhe fizeram logo de entrada...

Fiel ao seu amor

Há dez anos, Frank Fay possuía em Nova York um clube selecto. Bárbara ganhava a vida por teatros modestos. Há cinco anos chegaram os dois a Hollywood, levados na onda das vedetas de teatro e de «music-ball», que o sonóro arrastára até lá.

Ele é que linha um contrato.

despeito de quinze anos de êxito em Broadway, ignoravam-no na Califórnia. O produtor da firma para a qual devia trabalhar, declarou: — Fay... não conheço... Façam um

inquérito.

Interrogaram uma dactilógrafa, chauffeur» dum «fáxi» e um ardina. O inquérito foi concludente. Fay era um «desconhecido». Frank Fay ficou sem contrato e assinou outro contrato com a Warner, para a qual interpretou filmes musicais que não obtiveram êxito algum.

Bárbara teve uma estreia desastrosa. Ninguém lhe quis dar um novo ensejo. A sua carreira cinemalográfica pa-recia estar liquidada.

Em segrêdo, Frank financiou um fil-me, para que lhe dessem o papel de vedeta. E desta vez, Bárbara impês-se. Só muitos anos mais tarde soube a ver-dade! Dêle já ninguém se lembrava. Mas ela - era célebre.

A carreira de Bárbara foi assinalada então por uma curva ascendente. Frank, por seu turno, deseia assustadoramenle. Quem conhece Frank Fay? Na Europa ninguém, na América tão pouco! Mas em Hollywood sabem que é o marido de Bárbara. E todos se admiram

eomo ela não o lançou à margem! E o pior é que continua loucamente apaixonada. Abandona o Cinema para ir até Nova York interpretar um papel na peça que êle desempenha! Não pode falar com um jornalista sem gabar o talento de Frank e lamenta a sua pouca sorte. Procura apagar-se sempre, para fazer crer aos outros que êle é a celebridade da família. E houve quem a

A Filosofia do "Gag"

(Continuação da pág. 5)

volucionaram a farça. Jimmy Durante, W. C. Fields e. ainda, Oliver & Hardy e Eddie Cantor. Estes com a loucura ligada a um grande sentido comercial. também têm um papel preponderante no filme cem por cento louco.

Estes cómicos de loucura têm qualquer ligação com o estado de espirito do mundo. Os seus esforcos não são gratuítos, formam antes uma «charge» genial à vida do nosso tempo. Os seus gestos têm ligação com os de Mussolini, Hitler, Roosevelt, Hoare, Laval, e muitos outros politicos. A «câmara» é implacável. Ridiculariza os grandes homens transformando-os em irrisórios fantoches. De Hitler, fica apenas um boneco articulado: um bigodinho ridiculo, pretendendo compor uma máscara severa. De Mussolini resta-nos uma máscara severa com ares de D. Basílio de Opera barata. De Victor Manuel III mal se vê, e poucas vezes, uma pluma entre dois pares de botas de melicia-

Assim, os filmes cómicos de boje são mordages, ridicularizantes, loucos mas não alegres, daquela alegria simples e serena de outros tempos em que, o pastel era atirado à cara dos protagonistas, ou o jardineiro voltava para si próprio a mangueira que segurava nas mãos.

SÉRGIO ACORCIO

IIMA CARTA de Leitão de Barros

(Continuação da pág. 6)

Quanto às ideias expressas, nestus commus, sobre concursos, «Cine-Jornal» continuara a perfilhá-las alé que aiguem nos convença de que esse é o bom ca-minho, para criar artistas, capazes de desempenhar as principais figuras dum filme. Dina Teresa foi uma excepção a confirmar a regra, e linha ja uma ex-periència de palco apreciável.

Quanto à astrmação do concurso estar aberto a todos, permila-uos Leilão de Barros que só teóricamente admitamos o facto, porque sabe perfeitamente, tão bem como nos, que uma artista profissioual não se sujeita ao desdouro de ficar preterida num concurco piblico, o que lhe pode acarretar dissabores na sua carreira. Os amadores não têm nada a perder nesse caso; mas com os profissionais, já não sucede assim.

E pomos poulo final no assunto, que gostariamos um dia de discutir com maior largueza, fazendo votos, votos sinceros por que todos os artistas que trabatham em Bocage marquem com brilho a sua posição, auxiliados com o saber, com o talento e com a experiêncta de Leilão de Barros, artista e realizador.

Os desenhos do Gato Felix, a côres

Os desenhos do Gato Felix vão passar a ser coloridos e, segundo as nossas informações, serão distribuidos futuramente pela R. K. O.-Rádio.

visse chorar quando um «gaffeur» lhe chamou certo dia Mr. Stanwick...

Hollywood não a pode compreen-

Tanto mais que Frank não é simpático, não é amável, e não lhe é fiel. Bárbara, él E não julguem que ela

ignora a sua inconstancia... Que lhe importa que êle seja assim. Nao pode deixar de ser um revoltado — quando comparar as duas carreiras.

Há uma coisa, porém, que Bárbara nunca esquecerá. Quando não era conhecida, quando não era mais do que uma «girl» modesta, uma rapariga sem família e sem dinheiro - êle apaixonou-se e desposou-a.

Ela não esquece que quando Holly-wood a quis lançar à margem, só êle a susteve na queda, a impôs, e deu o impulso decisivo de que necessitou.

E Bárbara não esquece nada. Hoje é feliz - e adorada por todos os americanos!

NOTICIAS

Uma moda original

Meria Oberon, que está sendo uma das ditadoras da moda, em Hottywood, acaba de lançar uma moda original. Em lugar de trazer, no lenço, bordadas,

in lugar de trazer, no lenço, bordadas, as suas iniciais, substituiu estas pero número do seu telefone.

E a moda é prática. Quando lhe preguntam para onde fhe devem falar ela acena com o lencinho, que exibe o número est

mero salvador. E se uma dama, requestada por um gată, quere dar seguimento ao idílio deixa cair o lenço, como noutros tem-pos, para que êle, entretanto, tome apontamento do número do tetefone...

O FILME DE LILY PONS

Foi estreado em Paris, com enorme êxito, o novo filme de Lily Pons,

I drewn too much. È a história duma rapariga, casada com um compositor, e que se revela, subitamente, uma cantora de primorosa escola.

O filme é muito agradável de seguir--se, diz a crítica—e merece especial menção o registo de sons.

Os «Audioscópicos» estrearam-se em Madrid

No Cinema Actualidades, de Madrid, estreou-se, pela primeira vez na Eu-ropa, o famoso complemento Audios-cópico, que dá a sensação nilida do

relêvo.
Trata-se dum curioso filme, baseado no principio dos anaglifes, de Lumière, aperfeicoado ao máximo e com som.

Os efeitos que explora são dum cómico irresistivel.

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

AS NOSSAS CAPAS

Na frente: Katharine Hepburn, numa sugestiva alegoria da Prima-

Na 2. capa: Adolphe Wolbrück, no figura de Miguel Strogoff, revive o herai do romance famosa de Júlio Verne.

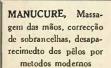
Extinga as suas SARDAS

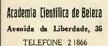


esta Cera Mágica de Beleza

Esta nova cera introduz-se profun-Asia nova cera introduzse protun-damente na pele grosseira e aspera e amolece-a de tal forma que a sua ca-mada externa, manchada e endurecida, cai, a pouco e pouco, em pequenas particulas, de manhã, quando se lavar a cara. A nova pele fresca e branca, tão deliciosamente clara e aveludada como a de um bébé, surpreende e encanta. As sardas — as feias manchas eastanhas — a rugosidade e a secura da pele, parecem sumir-se com muita facipere, parecem sumir-se com muna raci-lidade. Uma senhora de 40 anos pode facilmente aparentar 30, ou mesmo me-nos. A Cire Aseptine, nova Cera Magica de Beleza, limpa os poros da pele (o que o sabão não consegue fazer) e, deste magira, pracapara triputo dos que o sabão não consegue fazer) e, desta maneira, preserva e triunfa dos poros dilatados e dos pontos negros. Aplique a Cire Aseptine à noite, antes de se deitar, e veia em si mesma porque è que as mulheres lbe chamam Cera Mágica. Peça, já hoje, a Cire Aseptine ao seu perfumista.

A venda nas perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, escreva à Agência TOKALON—88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.





LISBOA



CINE-JORNAL GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRÁFICO Director: FERNANDO FRAGOSO Editor: ALVARO MENDES SIMÕES edade da Sociedade de Revistas Gráficas, L.da ção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27 Telefone 2 1368 e 2 1227 np., impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), L.da Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa ASSINATURAS (pagamento adiantado) PORTUGAL nias, 52 num. 1 ano ...

A música expressão da vida

A 9.ª Sinfonio de Beethoven interpretada num filme

lCHARD Wagner disse algures «que só podia compreender o espírito da Música quando expresso no amor». Estas patavras caracterizam nitidamente o enredo dum novo filme alemão, que se intituta Acorde final, e no qual a música não é simplesmente um atrilmto artistico da acção. Pelo contrário, essa nova pro-dução, a Música, bálsamo da alma, constitui o núcleo central em volta do qual

se desenrolam os episódios cénicos. Um dos factores principais que mar-earam a posição definitiva do cinema dentro da Arte, foi a adopção da Mú-sica como elemento integral, o que, além de aumentar o campo optico do filme, acentua profundamente os momeutos psteológicos. Nos primeiros tem-pos do cinema sonóro, os produlores cairam no êrro de explorar a música como elemento secundario, e só por isso o mecanismo do invento genial esteve prestes a destruir o mito da tradi-ção artística do cinema. Reconhecido a tempo o cammho errado, a majesta-de da arte conseguiu por fim sobrepôr-se ao despotismo do elemento tecnico.

O novo Schussakkord representa mais um passo ueste sentido, visto que aqui a Musica aparecera pela primeira vez como factor soberano que exprime a acção representada. É a música essa arte maravilhosa que atravessando o mundo fantástico do éter aproxima os continentes, anima corações desfaieci-dos, forma destinos e encontra a soução e alívio para os conflitos mais trá-gicos da alma. De resto, é êsse mistério eterno do amor, do afeeto, que encontra na música a quinta essência da sua expressão, êsse amor que para Richard

wagner, o grande Mestre, era a «espiritualidade da Música».

Assim, no cáos de uma vida quási destruída pelas provações materiaus e pero desespéro de uma alma amargurada que só aspira a separar-se deste vale de lágrimas, ouve-se subitamente, com uma maviosidade transcendental, o (fortissimo) extático de uma música que eu cada frase é um imperativo he-róico de apêgo à vida. É a Nona Sinfo-nia, a música imortal de Beethoven.

nta, a musica imortal de Beethoven.
Uma prova da sensibilidade intuitiva
de Heinrich Oberländer, autor do argumento do filme, è justamente esta
eirennstância de ter escothido para expressão simbótica de uma vida essa
música heróica de Beethoven, o homen
que também se sentiu perseguido por
uma fatatidade internar. Esta música
exprime uma forca sobrenadural, um exprime uma força sobrenatural, um grande lentitvo, e o extase de uma ale-gra vital. Esta música monumental é realmente uma força mágica que acaba reamente uma força magica que acaba por vencer os martirios e as lorturas de uma vida de desespêro. Essa fôrça so-brenatur at que dimana dêsse Génio da música reveta-se sobretudo na frase fi-nai do côro da alegria. É como que um grito da alma chamando para a vida os corações prostrados pelo abatimento.

tentativa de interpretar no cinema uma das maiores criações de Beethoven, sem profanar a sua espiritualidade, é sem dúvida das mais ou-sadas que a arte tem assistido. No entanto, o sentimento de responsabilidade de que a novel cinemalografia ale-má se sente possuída justifica essa experiência interessante que procura en-contrar novos rumos para a adaptação da música no cinema. Atiás, Beethoven e à sua música são, para além das fron-teiras nativas, património universal da humanidade. Por isso mesmo, o novo finne é um brinde da Alemanha à sensibilidade musical do público de todos os países.

O CINEMA E A RADIO

Uma emissão de homenagem a Cine Jornal na «Radio-Sonora»

Conforme noticiamos no nosso nú-Conforme noticiámos no nosso nú-mero 25, de 6 do corrente, realizou-se no passado día 8, na estação C T I A N, Rádio Sonora, uma emissão dedicada a «Cine-Jornal», organizada pelo nosso prezado amigo António Feio, que na-quela estação dirige inteligentemente as emissões cinemalográficas.

O programa constou de várias canções de filmes nossos conhecidos, em



A prouestra Ksitanul, sob a direcção de Fernando Sampaio Ribeiro

que D. Walda Rodidles, soprano de raro merecimento, pôs tôda a sua alma, raro merecimento, pôs tôda a sua alma, emprestando-lhes a graca e o sentimento necessários para as vatorizar. Assim. o tango «Orquídeas ao luar», que Raul Roulien canta no filme «Voando para o Rio», teve de ser bisado por exigência dos auditores de C T 1 A N, tal a maneira deliciosa como foi cantado. No reportório de D. Walda Rodidles ainda figuraram outras sugestivas canções, como fóssem as dos filmes «Violetas Imperiais» e «A Imperatriz e Eu». A orquestra Ksitanul secundou o enlusiasmo conquistado pela ilustre so-

tusiasmo conquistado pela ilustre so-prano, quando, sob a direcção brilhante



O nosso camarada Raúl Fonseca. ao microfone

de Fernando Sampaio Ribeiro, entrou a executar trechos musicais dos filmes que maior éxito alcançaram entre nós. que maior exilo alcançaram entre nos.
As canções de Eddic Cantor, as do
«Rapaz Milionários, foram merecida
«corôa de glórias para aquele «fazz»
animado e móderno.
A colaboração dos valiosos elementos da Escola de Teatro Araŭjo Pereira,
na dicção de poesias e bocados de boa

prosa, emprestou ao programa o sabor de variedade e animação, que devem ser a característica das emissões de T.

Também Mesdemoiselles Eduarda Siva e Maria Antas puseram brilhantismo nesta festa com os seus primorosos acompanhamentos de piano. Outro tanto podemos dizer do ilustre compositor sr. João Mateus.

Raúl Fonseca, nosso camarada de redecido proceshos sivas si puntos de redecido proceshos si poso camarada de redecido proceshos si poso camarada de redecido proceshos si poso cinarada de redecido proceshos si poso comercidos posos posos comercidos posos comercidos posos posos comercidos posos poso

dacção, preencheu cinco minulos do programa com uma interessante pales-tra sóbre «Definições de amor e casamento atribuidas, maliciosamente, ao arquivo de Joan Crawford e a algumas celebridades de Hollywood».



D. Waldo Rodilles, contando «Orquideas ao luar»

Completariam o programa, pelo ta-lento de Rosa Maria, chues» e outras canções orinndas da Cinelandia, mas uma lamentavel indisposição impediu que a saúdosa «Maria do Mar» compa-

que a saúdosa «Maria do Mar» comparecesse no estúdio.

A emissão terminou pela Marcha de Cine-Jornal, com um ritmo de «corridinho» muito portugués, devida a João Mateus e pela qual o felicitamos. António Feio redigiu a letra, a um tempo espirituosa e animada, sábiamente adequada ao compasso da música.

«Cine-Jornal» agradece mais uma vez.

«Cine-Jornal» agradece mais uma vez a simpática homenagem de Rádio Sonora e felicita a estação emissora pela



Os dirigentes do Rádio Sonoro e os elementos que tomaram parte na festa

maneira interessante como foi organizado o programa, que lhe foi dedicado. fazendo votos pelas prosperidades de C T 1 A N.



GNE-JORNAL

ANO 1.º - N.º 27 - 20 DE ABRIL DE 1936 - SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS - 16 PÁGINAS - PREÇO 1\$00



«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA